

POTENCIAL DE *SCHINUS TEREBINTHIFOLIA* RADDI (ANACARDIACEAE) COMO TUTOR VIVO E PRODUÇÃO DE PIMENTA ROSA NA AGRICULTURA FAMILIAR

FABRÍCIO SANCHES¹; JOEL HENRIQUE CARDOSO²; CAROLINE SCHERER³

¹Universidade Federal de Pelotas – euofabricio@gmail.com

²Embrapa Fruticultura Tropical - joel.cardoso@embrapa.br

³Universidade Federal de Pelotas – cacabio@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Schinus terebinthifolia Raddi é uma espécie arbórea pertencente a família Anacardiaceae, popularmente conhecida no Rio Grande do Sul como aroeira-mansa e aroeira-pimenteira (BACKES; IRGANG, 2002). É muito procurada no meio rural por apresentar madeira resistente, lenha de boa qualidade e por sua florada abundante, com produção significativa de pólen e néctar (BAGGIO, 1988). Além disso, foi apontada por CORADIN et al. (2011) como sendo uma das quatro espécies aromáticas prioritárias da Região Sul quanto ao valor econômico ou potencial de seus frutos conhecidos por pimenta rosa.

A multiplicação desta espécie é diversificada, a regeneração natural é muito boa, principalmente em ecossistemas secundários; por semeadura (BACKES; IRGANG, 2002); por meio da propagação vegetativa, como é o caso da estaquia (RODRIGUES, 1990; BACKES; IRGANG, 2002); ou ainda, diretamente no campo, sendo multiplicada por meio de estacas gigantes (BAGGIO, 1988). Esta última forma é um método bastante utilizado por agricultores(as) para obtenção de tutores e cercas vivas, contudo ainda pouco estudado pela comunidade científica.

O presente estudo tem o objetivo de sistematizar informações a respeito da reprodução vegetativa de *S. terebinthifolia* com ênfase no conhecimento associado à técnica dos tutores vivos e exploração da pimenta rosa no contexto da agricultura familiar na região de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

2. METODOLOGIA

Foi utilizada abordagem qualitativa com quatro agricultores familiares de Pelotas e região, Rio Grande do Sul, Brasil.

Utilizou-se a técnica da observação participante (PRODANOV; FREITAS, 2013) a qual foi realizada por intermédio de observação e entrevista semi-estruturada, realizada com auxílio de 13 perguntas orientadoras, gravadas em áudio, posteriormente transcritas e então analisadas. Os dados obtidos foram classificados quanto às categorias: motivo que levou a utilização dos tutores; técnicas associadas ao sucesso; e potencialidade da pimenta rosa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas foram realizadas diretamente nas propriedades das famílias envolvidas: Schiavon (Colônia São Manoel, Pelotas), Beskow (Colônia Sesmaria, São Lourenço do Sul), Gonçalves (Coxilha dos Campos, Canguçu) e Santin (Alto Alegre, Canguçu). Após análise das entrevistas houve a sistematização, o que resultou na estruturação das respostas em três categorias:

1 – Motivos que levam os agricultores a fazer uso da técnica

Nilo Schiavon, informou que foi a partir da necessidade de suprir a falta dos tutores (denominados mourões pelo agricultor) de *Eucalyptus* sp. para as parreiras. Para este agricultor foi uma surpresa o sucesso obtido a partir dos tutores de aroeira:

Ela apareceu dentro da propriedade por acaso no trabalho, porque as aroeiras já conviviam com nós aí há muitos anos. E a gente começou a usar como tutor de parreira, porque faltou moerão de cerno. Na época [...], botamos uma parte de moerão de cerno e aí no final da lavoura faltou moerão. E aí digo não, vamos lá na sanga, vamos cortar uns moerão de aroeira lá [...] vamos cravar aqui e no ano que vem trocamos. A gente esperava que eles fossem apodrecer né? E pra nossa surpresa, em poucos dias, começaram a brotar [...] (informação verbal).¹

Günter Beskow, Cléu de Aquino e Nádia Santin informaram ter tomado conhecimento da técnica dos tutores vivos por intermédio do agricultor Nilo Schiavon. Ressalta-se o fato de que todos empregam os tutores para a sustentação de arames em pomares de uva, de maneira a mitigar custos e promover a diversificação de culturas, como informa Cléu de Aquino:

Ou eu fazia com a tecnologia de ponta ou eu fazia dentro dos princípios que eu venho trilhando, que é fazer algo mais natural, que não vai ter aquela alta produtividade mas que também não vai ter aquele alto custo e que vai dialogar mais com aquela proposta que eu desenvolvo na propriedade (informação verbal).²

Alguns pontos positivos que reforçam a utilização dos tutores vivos são, como informado por Günter Beskow (informação verbal)³, o fato de ser uma planta melífera com floração muito atrativa para abelhas; pela importância dos frutos para diversas espécies da avifauna, por apresentar-se como lenha de ótima qualidade e em virtude de possuir boa rebrota. Nilo Schiavon ressalta a possibilidade do emprego da técnica da adubação verde, em virtude da alta produção fitomassa (informação verbal): [...] A gente tem aí uma produção de matéria orgânica, de massa, três vezes ao ano. Se faz três podas nela ao ano [...].

Nota-se que, quase a totalidade dos pontos positivos inerentes ao emprego dos tutores podem ser compreendidos como ganhos ambientais. Identifica-se assim uma postura ética de respeito com os processos naturais de seus agroecossistemas, e uma busca por integrar os aspectos produtivos com os de conservação da agrobiodiversidade.

2 – Técnicas associadas ao sucesso

Os tutores com cerca de 3m de comprimento são retirados dos fragmentos florestais das propriedades. Nilo Schiavon (informação verbal) realiza a coleta e plantio no mês de agosto ou setembro, coincidindo com o manejo dos parreirais e informa que não tem tido problemas com o enraizamento dos tutores. Contudo, a agricultora Nádia Santin (informação verbal)⁴ diz que não obteve sucesso ao implantar 20 tutores durante o mês de agosto de 2017: [...] Porque aqueles ali que foram colocados, apenas o mais grosso brotou tu viu né? As mais finas não brotaram, e eu não sei se vão brotar. Mas acho que não. A agricultora associa ao

¹ Entrevista concedida por SCHIAVON, N. **Entrevista I** [abr. 2018]. Entrevistador: Fabrício Sanches Medeiros. Pelotas, 2018. 1 arquivo .mp3 (20min.).

² Entrevista concedida por AQUINO, C. **Entrevista II** [mai. 2018]. Entrevistador: Fabrício Sanches Medeiros. Canguçu, 2018. 1 arquivo .mp3 (42min.).

³ Entrevista concedida por BESKOW, G. **Entrevista III** [mai. 2018]. Entrevistador: Fabrício Sanches Medeiros. São Lourenço, 2018. 1 arquivo .mp3 (21min.).

⁴ Entrevista concedida por SANTIN, N. **Entrevista IV** [abr. 2018]. Entrevistador: Fabrício Sanches Medeiros. Canguçu, 2018. 1 arquivo .mp3 (21min.).

forte período de seca enfrentado no município de Canguçu durante a primavera e verão dos anos 2017-2018, o que pode ter interferido no enraizamento dos tutores (denominado por estaca pelo agricultor).

Cléu de Aquino explica os motivos porque executar o plantio ainda nos meses de inverno:

É, início de inverno. Em função de que vem o frio. O qual inibe a brotação ajudando ela a se estabelecer. Se nós enterrarmos a estaca e estiver frio, ela dificilmente vai brotar. Enquanto ela não brota ela se estabelece, enraíza. E quando ela chega a brotar na primavera já há alguma raiz que pode começar a trazer energia do solo para a planta. Enquanto que, se nós plantamos ela muito tardiamente ela acaba brotando em função da alta temperatura, assim consumindo energia da estaca, a qual ainda não tem raízes, fragilizando ela e acaba morrendo (informação verbal).

O método de cultivo dos tutores vivos é idêntico ao de fixar qualquer mourão, pois é necessário garantir boa estabilidade para a fixação dos arames de sustentação das parreiras. Günter Beskow evidencia as dimensões ideais para os tutores (informação verbal): [...] Eu faço com 2,5m que é a altura necessária para a espaldeira, [...] tu enterra 50cm e deixa 2m para fora [...]. Nilo Schiavon menciona ferir a casca dos tutores antes da fixação (Informação verbal): [...] No cravar ele no chão a gente faz um buraco com a pá e [...] geralmente se bate a casca dele até a altura do solo. Para ele ter uma ferida para enraizar.

Quanto à espessura, Nilo Schiavon informa que não há preferência, ficando condicionado à disponibilidade de tutores na propriedade:

Olha, é oportunidade. O tamanho do galho que tem na mão ali. A única coisa que cuidamos é botar um galho um pouco mais grosso nas pontas. Porque ali ele é enterrado um pouco mais fundo, porque ali tu tens que puxar o arame. Então ele tem que ser mais firme. Mas fora isso, qualquer tamanho de galho que tu botar ele vai brotar [...] (informação verbal).

Günter Beskow menciona observar maior sucesso com tutores mais grossos:

Eu já tentei com tudo quanto é diâmetro. Mas notei que as mais grossas pegam melhor. [...] Mas as mais finas que coloquei nesse ano, a maioria morreu. Então acho que as mais grossas possuem mais reservas para resistir, para emitir raízes e brotações [...] (informação verbal).

Outro ponto importante é a forma de fixação dos arames. Como Cléu de Aquino ressalta (informação verbal): [...] Onde o arame encosta nela ele rapidamente entra porque ela engrossa muito rápido. Então tem que por um caninho plástico ou alguma coisa que ajude o arame a não entrar, e também para não cortar o arame [...]. Günter Beskow também menciona utilizar caninhos plásticos confeccionados com garrafas PET, e compara tutores onde ainda não teria utilizado a técnica (informação verbal): [...] Com a garrafinha o arame fica em cima da garrafa. Porque como vocês viram algumas já estavam com a casca bem marcada. E na hora de tirar o arame, a casca sai junto e quase anela. Então eu até soltei muitas que estavam amarradas [...].

3 – Potencialidade da pimenta rosa

A produção de pimenta rosa apresenta-se como uma possibilidade distante para os(a) agricultores participantes da pesquisa. Três deles informaram conhecer o produto, mas ainda não efetuaram a colheita e processamento, embora se demonstrem abertos à possibilidade. A agricultora participante informa não conhecer a especiaria (informação verbal): Já ouvi, mas não tenho conhecimento.

Para Günter Beskow, a comercialização da pimenta rosa é uma possibilidade, mas problematiza questões de qualidade e, especialmente, quanto ao desconhecimento da especiaria na região:

Eu tenho o interesse de colher, mas antes testaria propriedades químicas e físicas porque acho que tem uma grande variabilidade [...]. Mas o problema é o mercado. Quem compra? Tu fazes diversos pacotinhos, uma planta provavelmente de muitos pacotes, mas quem compra? Eu gostaria de vender, mas tenho receio do mercado. [...] O próprio nome “aroeira”, “aroeira-piriquiteira” já é depreciativo. Teria que ser mesmo pimenta rosa. [...] Mas com certeza tem um grande potencial, pois da em abundância. As beiras das estradas são exemplos [...].

Cléu de Aquino ressalta a importância de estudos que evidenciem as possibilidades de comercialização da pimenta rosa (informação verbal): [...] A pesquisa tem que alcançar o mercado, [...] porque ninguém entra em uma produção que não aponte uma perspectiva de mercado. [...] Tem algumas pequenas indústrias processando, colocando no pacotinho, etc. Agora da onde tão buscando? [...].

4. CONCLUSÕES

A utilização dos tutores vivos é uma possibilidade para mitigar custos e para a diversificação produtiva em agroecossistemas familiares. Por ser uma planta nativa da região, desempenha papel importante em contraposição ao uso de espécies exóticas, como as do gênero *Eucalyptus*.

Considera-se que as técnicas elencadas pelos agricultores embora passíveis de replicação, também demonstram lacunas no conhecimento, podendo configurar objetos de pesquisa científica sistemática.

Por último, a produção e comercialização de pimenta rosa ainda é uma potencialidade a ser explorada e deve ser objeto de estudo no que tange sua cadeia produtiva na região e, até mesmo, como esta se insere no cenário nacional e internacional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACKES, P.; IRGANG, B. Árvores do Sul. Porto Alegre: Palloti, 2002. 328 p.

BAGGIO, A.J. Aroeira como potencial para usos múltiplos na propriedade rural. **Boletim de pesquisa florestal**, Colombo, n.17, p.25-32, dez. 1988.

CORADIN, L.; SIMINSKI, A.; REIS, A. **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro – Região Sul**. Brasília: MMA, 2011. 934p

RODRIGUES V.A. Propagação **vegetativa de aroeira *Schinus terebinthifolius* Raddi Canela *Sassafras* *Ocotea pretiosa* Benth & Hook e cedro *Cedrela fissilis* Vellozo através de estacas radicais e caulinares**. 1990. 90 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Curso de pós graduação em Engenharia Florestal – Setor de ciências agrárias. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1990.